

---

## PRECURSORES DO DISCURSO VISUAL NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

### PRECURSORS OF VISUAL DISCOURSE IN THE PRESS OF SATIRICAL CARTOONS OF RIO GRANDE-RS

---

Tammie Caruse Faria Sandri  
Doutoranda em Comunicação Social – PUCRS  
tammiefaria@yahoo.com.br

**RESUMO:** Este estudo discute o papel dos autores na introdução de desenhos em jornais, no final do século XIX, quando as publicações impressas se proliferaram no Rio Grande do Sul. Destaco os pioneiros do traço nas manifestações caricaturais publicadas em Rio Grande – RS, tomando como objeto os jornais caricatos O Amolador, O Diabrete, Marui e Bisturi. O intuito é contribuir para a história da mídia visual, dando visibilidade aos precursores das charges, cartuns, caricaturas pessoais, desenhos de humor e histórias em quadrinhos na imprensa rio-grandina. São analisados os nomes dos integrantes das equipes e as assinaturas encontradas nas edições, estabelecendo relações pertinentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da mídia visual. Manifestações caricaturais. Autoria.

**ABSTRACT:** This study discusses the role of authors in the introduction of drawings in newspapers at the end of the nineteenth century, period in which the printed publications proliferated in Rio Grande do Sul. Its emphasizes the pioneers drawing in satirical cartoons published in Rio Grande - RS. The study's object are the newspapers O Amolador, O Diabrete, Marui and Bisturi. The aim is to contribute to the history of visual media, giving visibility to the precursors of the cartoons, humorous drawings and comics in the press of Rio Grande. The analysis is based on the names of the teams members and signatures found in the editions, to establish relevant relationships.

**KEY-WORDS:** History of visual media. Caricatures. Authorship.

### Introdução

O estudo sobre autores da imprensa caricata rio-grandina é feito a partir de reflexões propostas na disciplina de Teorias da Comunicação, cursada em nível de Doutorado na PUCRS e foi apontado, numa perspectiva histórica, como uma possibilidade futura de análise diante dos achados da pesquisa de campo realizada para dissertação de Mestrado. À época,

analisei as estratégias do discurso visual nas manifestações caricaturais dos jornais O Diabrete, Marui e Bisturi, porém sinalizei os inúmeros caminhos de pesquisa que o farto material disponível na Bibliotheca Rio-Grandense e no Museu da Comunicação José Hipólito da Costa poderiam suscitar diante do pioneirismo da imprensa caricata na veiculação de discurso visual. Acrescento para esta análise o jornal O Amolador, como tentativa de abranger toda a imprensa caricata rio-grandina do século XIX.

Falar desses jornais é resgatar a época em que a caricatura surgiu nas folhas impressas brasileiras, em suas diferentes manifestações, hoje popularizadas como charges, cartuns, caricaturas pessoais, desenhos de humor e histórias em quadrinhos. Se no princípio essas manifestações em Rio Grande ocupavam 50% do espaço do jornal (quatro páginas de um total de oito, durante todo o século XIX<sup>1</sup>), ainda hoje encontram espaço de expressão na mídia impressa rio-grandina.

A pesquisa, de tipo qualitativa, segue como metodologia a Hermenêutica de Profundidade, de Thompson (2009). As técnicas de coleta de dados são a bibliográfica e a documental. A intenção não é quantificar, apontar quantas caricaturas foram ou não assinadas, mas apresentar os tipos de assinaturas encontradas e relacioná-las entre si e com possíveis autores, integrantes das equipes dos jornais, ressaltando que a caricatura foi responsável pelo aumento da popularidade das publicações, num tempo em que a maioria da população era analfabeta e jornais e revistas dedicados ao traço eram fruto da iniciativa de poucas pessoas.

## O contexto de produção e recepção

A caricatura apareceu de forma sistemática na mídia impressa brasileira a partir de 1837 (SANTOS, 2000; FONSECA 1999), após o início dos periódicos ilustrados, em 1831. O termo caricatura é explicado por Fonseca (1999, p.17) como “designação geral e abrangente para uma forma de arte que se expressa através do desenho, da pintura, da escultura, etc”, sendo manifestações dela a charge, o cartum, o desenho de humor, o desenho animado e a

<sup>1</sup> Conforme abordo em minha dissertação, essa diagramação deixou de ser aplicada somente nas edições do século XX, mais próximas ao período final de circulação, do jornal Bisturi.

caricatura pessoal<sup>2</sup>. Ainda no sentido abrangente do termo, Bahia (1990, p.127) define caricatura como “reportagem gráfica – do traço de humor aos desenhos que documentam um fato”.

No Rio Grande do Sul, foi a partir de 1867 (FRANCO, 2006; HOHLFELDT, 2006) que as publicações caricatas começaram a aparecer, primeiro em Porto Alegre. A cidade do Rio Grande, primeira capital e principal porto marítimo do Estado, contou com variados gêneros de folhas nas três décadas finais do século XIX (ALVES, 2002). É neste cenário que estão inseridas as publicações que são objeto de análise. Os jornais O Amolador, O Diabrete, Marui e Bisturi circularam durante a chamada fase áurea da imprensa caricata rio-grandina, compreendida entre 1874 e 1893 (ALVES, 2002; HOHLFELDT, 2006).

Embora de pouca duração e com circulação irregular, a imprensa caricata causou impacto sobre o jornalismo da época, com a introdução de elementos visuais. Para Sodré (1999, p.202-203), a caricatura impulsionou a imprensa brasileira e ampliou sua influência ao aliar o humor, já presente nas páginas dos jornais, à “atração visual do desenho e da imagem”.

A estratégia editorial voltada para o humor a partir do traço teve efeito direto sobre a popularidade da imprensa caricata. “Quanto maior o espaço, mais notoriedade, mais popularidade”, afirma Bahia (1990, p.127), sobre a relação entre a caricatura e a fama das publicações.

O desenho significava alcançar maior número de leitores, numa época em que 85% da população brasileira era analfabeta (ANJ, 2010a). Alves (2002, p.234) aponta que o desenho tem a propriedade de inserir a população iletrada no grupo dos que lêem jornais, além de contribuir “para expressar uma opinião de forma mais objetiva do que através de um longo texto”. Também Santos (2000, p.17) reforça essa compreensão ao afirmar que “o texto, pouco lido, raramente interessava; as páginas ilustradas eram tudo”.

Partindo desse contexto histórico, a aceitação da imprensa caricata pode ser explicada pelo caráter essencialmente humano da comunicação (mesmo com o desenvolvimento da técnica) a partir da busca pelo encontro com o outro (PERUZZOLO, 2004; 2006). A comunicação é abordada por Peruzzolo (2004, p.24) como uma relação recíproca “entre uma pessoa e outra para compartilhar uma mesma mensagem, que pode

<sup>2</sup> Essas classificações podem ser encontradas em FONSECA, Joaquim da. **Caricatura**: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

desdobrar-se em uma série de outras”. Relação que “é uma força de impulsão da vida com vistas a constituir-se”. (PERUZZOLO, 2004, p.27).

Assim, compreendo que, enquanto a maioria dos modelos comunicacionais admitem a existência de dois polos opostos entre veículo e mensagem, cujos fluxos seguem direções por motivação diversas, a perspectiva da comunicação como encontro, embora mantenha os conceitos de polos e fluxos, considera a procura pelo outro como um processo vital de busca por informações do ambiente para a sobrevivência e a constituição do ser, um processo constante, de ambos polos ativos e que centra na mensagem (a partir de um veículo) o poder de significação e, portanto, de vir a ser.

Essa compreensão segue também estudos de autores como Deleuze e Guattari (1997), Maturana e Varela (1995) e McLuhan (2005)<sup>3</sup>, sendo este último fundamental para compreender a popularidade da imprensa caricata. Se, de acordo com McLuhan (2005, p.88), quando estamos privados de algum dos sentidos, os demais “procuram supri-lo” e se “a necessidade de utilizar os sentidos disponíveis é tão premente quanto respirar”, acredito que a imprensa caricata tenha respondido à necessidade premente de utilizar o sentido disponível da visão, diante da dificuldade de leitura provocada pelo expressivo número de analfabetos entre a população brasileira na época.

Ainda, conforme McLuhan (2005, p.63), "qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou auto-amputação de nosso corpo, e essa extensão exige novas relações e equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo". Assim, no campo dos sentidos, a tecnologia proporciona um novo meio de se relacionar com o mundo. Estende a capacidade sensorial de nosso corpo, ao mesmo tempo em que essa capacidade deixa de ser realizada pelo nosso órgão sensorial. Ao final, os nossos sentidos tornam-se dependentes dos objetos tecnológicos, pois utilizar o sentido disponível/potencializado pela tecnologia passa também a ser tão premente quanto respirar. Por isso, McLuhan (2005, p.88) afirma que o uso contínuo da tecnologia “independe do “conteúdo” [...] ou do sentido de vida particular de cada um”. Nada mais é do que resposta a uma demanda criada por ela mesma, uma vez que nenhuma tecnologia é necessária até que seja criada e, pelo mecanismo de servomecânica (McLuhan, 2005), dela se dependa.

<sup>3</sup> As aproximações entre os autores são detalhadas em SANDRI, 2011.

Da mesma forma, como novidade tecnológica, a imprensa caricata representou uma demanda por si mesma, uma demanda que, no fim, não deixa de representar a demanda natural pela vida. A utilização de manifestações caricaturais na mídia impressa despertou o interesse do público e também de quem produzia jornais, criando seu próprio mercado de produção e procura.

Ao passo que o interesse do público se refletia na intensa popularidade, a produção de caricaturas em jornais e revistas no País era atividade de poucos, muitas vezes solitários. Essas publicações, como revela Santos (2000, p.17), tinham como responsável “geralmente, um só desenhista”, que também era o editor, decidindo os temas e o tratamento a ser dado a eles nas edições. Realidade que, conforme aponta a análise a seguir, não será diferente na cidade do Rio Grande.

### Os precursores da imprensa caricata rio-grandina

A escassez de pessoal atuando na produção de comunicação visual impressa foi apontada em minha dissertação a partir de constatação empírica – a proporção dos que preferem atuar em áreas de texto e audiovisual, desde a graduação é bem maior e se reflete no mercado de trabalho. A partir do objeto de estudo da dissertação, essa escassez pode ser entendida como histórica, pelo número reduzido de componentes nas equipes que mantinham e publicavam os jornais caricatos O Diabrete, Maruj e Bisturi, bem como pelas poucas assinaturas diferentes encontradas nos desenhos. Acrescentando no presente estudo o jornal O Amolador, essa constatação mantém-se. A intenção está em valorizar esses poucos nomes e dar a eles a visibilidade merecida como precursores das manifestações caricaturais em jornais.

Assim, o questionamento de pesquisa foi estritamente direcionado a quem produzia essas manifestações e como demonstrar a existência de poucos responsáveis pelas imagens que ilustravam as páginas dos jornais caricatos rio-grandinos no século XIX. Para tanto, foram coletados dados nos próprios jornais, a partir dos acervos da Bibliotheca Rio-Grandense e do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, bem como no inventário de jornais raros do referido Museu da Comunicação (2012, online) e em estudos já publicados sobre os jornais caricatos rio-grandinos.

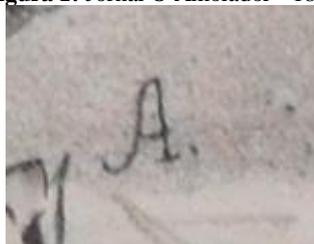
Na maioria das caricaturas, porém, não consta assinatura, o que dificulta a identificação de autores em cada trabalho. Da mesma forma, as assinaturas existentes são compostas, em sua maioria, por iniciais ou pseudônimos, o que também dificulta a identificação dos autores ou a correspondência direta entre as assinaturas e os integrantes das equipes dos jornais.

O jornal O Amolador circulou em Rio Grande entre os anos de 1874 e 1875, com periodicidade semanal, sendo publicado aos domingos e comercializado por assinatura e de forma avulsa. É caracterizado pelo inventário de jornais raros do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa (2012, online) como jornal de sátira, caricatura e crônica social, do período do Segundo Reinado, características sugeridas no próprio nome que indica indivíduo dedicado ao mister de amolar, de afiar ferramentas e instrumentos cortantes, e, no sentido figurado, indivíduo maçante, importuno (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS<sup>4</sup>, 2012).

Foram observados as 41 edições disponíveis no e inventariadas pelo Museu da Comunicação José Hipólito da Costa. Não há referência aos responsáveis pelo jornal nas edições disponíveis, nem no campo destinado a esse fim no inventário do Museu da Comunicação. Alves (2008, p.185), porém, ressalta a presença de Thádio Alves de Amorim na equipe das quatro publicações que são objeto de análise, sendo o Bisturi o ápice da sua carreira, “a qual já passara por caricatos rio-grandinos anteriores, como O Amolador, O Diabrete e o Marui”.

Entre as caricaturas assinadas, foram constatadas as assinaturas de “H.J.”, “L.T.”, “L.K”, “A.” e “Amorim”, as três últimas apresentadas nas Figuras 1, 2 e 3, a seguir.

**Figura 1:** Jornal O Amolador - 1875



Fonte: Museu da Comunicação José Hipólito da Costa

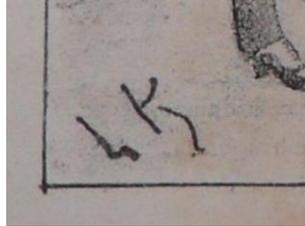
**Figura 2:** Jornal O Amolador - 1875



Fonte: Museu da Comunicação José Hipólito da Costa

<sup>4</sup> A opção pelo uso de um dicionário online se faz para demonstrar que esse tipo de informação é de fácil acesso.

Figura 3: Jornal O Amolador - 1875



Fonte: Museu da Comunicação  
José Hipólito da Costa

A inicial “A.” e o sobrenome “Amorim”, considerando o referido por Alves (2008), podem ser associados ao nome de Thádio Alves de Amorim. Já as iniciais “L.K.”, encontrarão correspondência com outras assinaturas a partir dos achados de pesquisa nos demais jornais.

O jornal O Diabrete, de propriedade de Gaspar Alves Meira, circulou semanalmente entre 1875 e 1881, comercializado por assinatura e de forma avulsa. No inventário de jornais raros do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa (2012, online), é caracterizado, entre outras palavras-chave, como jornal de sátira, caricatura, ilustração, político, anti-religioso e abolicionista, postura reforçada pelo próprio significado da denominação - diabo pequeno, criança travessa, segundo o Dicionário Online de Português (2012). Tanto no inventário, como no expediente das edições observadas, não há referência sobre outros integrantes da equipe.

Ao todo, foram observadas 161 edições diferentes. Trinta e duas edições estão disponíveis no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa e compreendem o período de 1875 a 1880. Na Bibliotheca Rio-Grandense, há 132 edições disponíveis, do período entre os anos de 1878 a 1881. Apenas três edições constam ao mesmo tempo nos dois acervos: 15 de maio e 01 de junho de 1879 e 29 de novembro de 1880.

No jornal O Diabrete, entre as caricaturas assinadas, a maioria traz as assinaturas de “T.”, conforme Figura 4.

Figura 4: Jornal O Diabrete – 15.09.1878



Fonte: Bibliotheca Rio-Grandense

A letra “T.” pode ser interpretada como inicial do nome Thadio. Há também registros da assinatura “T.A.”, que pode igualmente ser associada às iniciais de Thadio Alves de Amorim.

Apenas uma caricatura foi assinada por “Kagado” e poucos desenhos foram assinados por “L.K.”, numa composição entre as duas letras, como mostra a Figura 5.

**Figura 5:** Jornal O Diabrete – 15.09.1878



Fonte: Bibliotheca Rio-Grandense

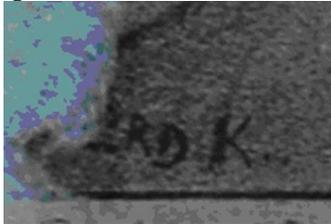
A letra “K.” em “L.K.” pode representar a inicial de “Kagado”, sugerindo tratar-se do mesmo autor nos dois casos. Cabe lembrar que as iniciais “L.K.” aparecem também em assinaturas do jornal O Amolador, já apresentado. Além dessas assinaturas, há caricatura assinada por “Da R I h”, em edição de 20 de fevereiro de 1881, e por “Da R I U” em 10 de abril de 1881.

O jornal Marui, também semanal, circulou entre 1880 e 1882. Como descrito no expediente, era de propriedade de Henrique Marcos Gonzáles. Já segundo o inventário do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa (2010), era um jornal de Henrique Gonzáles, Tadeo (sic) Alves de Amorim e Constantino Alves de Amorim. Também é caracterizado, entre as palavras-chave, como de sátira, literatura, caricatura, ilustração. O tom de sátira pode

ser percebido no próprio nome, que significa, conforme o Dicionário Online de Português (2012), denominação popular dada a mosquitos sugadores de sangue que vivem em terrenos pantanosos.

Foram observadas 94 edições do jornal Marui, disponíveis na Bibliotheca Rio-Grandense, dentre os quais está a única edição existente no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa. Entre as caricaturas assinadas, a maioria traz as assinaturas de “Lord K” e “L.K.”, até outubro de 1880, quando “T.” passa também a assiná-los (Figuras 6, 7 e 8, a seguir).

**Figura 6:** Jornal Marui – 04.01.1880



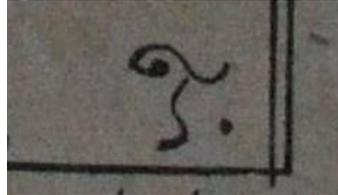
Fonte: Bibliotheca Rio-Grandense

**Figura 7:** Jornal Marui – 04.01.1880



Fonte: Bibliotheca Rio-Grandense

**Figura 8:** Jornal Marui – 07.05.1882



Fonte: Bibliotheca Rio-Grandense

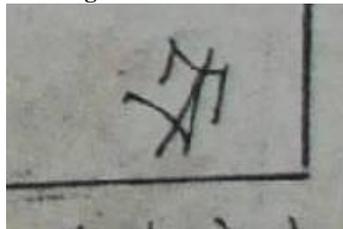
A assinatura “Lord K” pode representar a versão por extenso da assinatura “L.K.”. A ocorrência da assinatura “L.K.” é observada, como já citado, também em O Amolador e O Diabrete. Igualmente a assinatura “T.” está presente no jornal O Diabrete. As grafias para as assinaturas variam.

O jornal Bisturi circulou de forma regular entre 1888 e 1893 (ALVES, 2002) e de forma irregular no mínimo até 1915, ano dos últimos exemplares encontrados na pesquisa de campo. Conforme os exemplares da Bibliotheca Rio-Grandense, foi de propriedade de Thádio Alves do Amorim, responsável pela redação, direção interna e artística.

As palavras-chave no inventário de jornais raros do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa (2012, online), o caracterizam como de cunho político, abolicionista, republicano federalista, liberal, da época da Revolução Federalista, na Primeira República. Conforme Alves (2008, p. 185), “se definia como uma folha satírica e humorística”, intenção implícita no nome, cujo significado descreve instrumento cirúrgico em forma de pequena faca, reta ou curva, para praticar incisões, segundo o Dicionário Online de Português (2012).

Foram observadas ao todo 262 edições, sendo 258 do acervo da Bibliotheca Rio-Grandense e quatro do acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa. Foram encontradas assinaturas em caricaturas de apenas duas edições: 1º de abril de 1888 e 03 de novembro de 1889. Nesta última, há uma caricatura assinada por “Thádio” e na primeira, foram encontradas três caricaturas com assinatura feita a partir de figuras geométricas, como na Figura 9.

Figura 9: Jornal Bisturi



Fonte: Bibliotheca Rio-Grandense

Essa assinatura é representada por uma espécie de triângulo, que lembra a letra “A”. Esse “A” é usado como base de sustentação para um retângulo aberto na base, como um prato de uma balança voltado para baixo, que lembra o risco superior da letra “T”. Assim, essas figuras geométricas remetem às iniciais “T.A.”, já associadas à Thádio Alves de Amorim.

### Interpretação dos achados

Conforme a análise de O Amolador, a inicial “A” e o sobrenome “Amorim” presentes nas edições observadas podem ser associados com o nome de Thádio Alves de Amorim. Não pode ser descartada, porém, a possibilidade dessas assinaturas pertencerem a Constantino Alves de Amorim (nome presente na equipe de Marui) ainda que não tenha sido encontrada referência à sua atuação em O Amolador. Isso porque nem sempre os nomes de

todos os integrantes das equipes são citados no expediente ou constam em inventários de acervos.

Na dissertação, já havia apontado a possibilidade, pelo uso de pseudônimos, das assinaturas "L.K.", "Lord K", "T." (as três presentes em O Diabrete e Marui) e "T.A." (presentes no jornal O Diabrete e, por figuras geométricas, em Bisturi) serem todas de uma mesma pessoa, no caso, Thadio Alves de Amorim. Com a observação de exemplares do jornal O Amolador, essa possibilidade se tornou mais concreta.

O que despertou essa consideração foi o registro de caricaturas assinadas por "L.T.". Por associação, admitindo que "L", em "L.K" corresponda a abreviatura de "Lord K" (em que, por sua vez, a letra "K" seria abreviatura de "Kagado" - assinatura presente em O Diabrete), o "L" em "L.T" pode corresponder a "Lord T", numa referência à inicial de Thadio, logo Lord Thadio.

Cabe destacar que "L.K" e "Lord K", em O Amolador podem ser assinaturas de algum integrante (como o proprietário Gaspar Alves Meira) e que tenha também atuado em O Diabrete e em Marui (nesse caso, Henrique Gonzáles e Constantino Alves de Amorim). Porém, como afirma Alves (2008), Thadio Alves de Amorim atuou nas quatro publicações, o que reforça a possibilidade de "L.K" e "Lord K." serem pseudônimos seus.

Essa discussão, talvez só encontre respostas na análise do traço, mas a ocorrência da assinatura "L.T." é uma evidência que aponta para a possibilidade de serem todas assinaturas de uma mesma pessoa. De qualquer forma, a maioria das caricaturas nos jornais estudados foram assinadas por "T" e "T.A", que remetem diretamente às iniciais de Thadio Alves de Amorim.

Se, como afirma Santos (2000), o desenhista era o jornal, Thadio "era" os quatro jornais. Ou, na perspectiva da comunicação como encontro, era quem, na busca pelo outro, "esmerava-se na produção de mensagens, fazendo do jornal caricato a sua própria extensão" (SANDRI, 2011). O jornal caricato era o seu sentido de vida, mas também o do público na sua busca pelo outro, como extensão dos órgãos sensoriais – ora atentos às manifestações caricaturais.

## Considerações Finais

Esse estudo foi uma tentativa de dar visibilidade aos autores das manifestações caricaturais na imprensa rio-grandina do século XIX. A análise tomou por base os nomes dos integrantes das equipes e as assinaturas encontradas nas edições. Apesar do esforço em estabelecer relações pertinentes, essa busca não pode ser compreendida como finalizada.

A assinatura por iniciais ou pseudônimos é uma característica das caricaturas analisadas, não sendo possível, na maioria dos casos, apontar a autoria de forma direta, mas por associações. A prática pode ser compreendida, pelo cunho político e satírico das publicações e, portanto, pelo teor das críticas, como uma tentativa de proteção dos verdadeiros autores, evitando possíveis represálias. Ou ainda, uma maneira de explorar o humor e a criatividade, brincando com as formas das letras, e de mexer com o imaginário dos leitores sobre a verdadeira autoria das caricaturas.

Em geral, pela constância, percebi dois grandes grupos de assinaturas: “T.”, “T.A.” e “Thádio”; “Lord K”, “L.K” e “Kagado” e discuti as relações entre eles, apontando a possibilidade de pertencerem a um único autor, Thadio Alves de Amorim. Se dentre as assinaturas, é possível estabelecer relações que levem a um único nome, também por associação, o ato de assinar pode ser prática de uma única pessoa. Ou de poucas pessoas da equipe. O que, aliado à proteção contra represálias, justificaria a imensa maioria de caricaturas não assinadas.

Para aprofundar a discussão, a análise minuciosa do traço é uma sugestão para a identificação de autoria tanto das caricaturas que não apresentam assinatura como para as assinadas por iniciais, abreviaturas ou pseudônimos.

Ainda, ressalto o quanto um objeto do passado pode suscitar reflexões importantes e não acabadas na atualidade sobre as práticas nos meios de comunicação. Entre os temas passíveis de discussão, para citar alguns, estão a valorização da autoria; a estratégia para promover a popularidade das publicações com a permanência - ainda que em espaço reduzido - das charges, ilustrações e tiras em quadrinhos e com a retomada crescente da utilização de histórias em quadrinhos na reportagem dos fatos; a escassez de recursos humanos na área atuando em jornais ou - fator causa - o reduzido espaço dado atualmente a manifestações caricaturais nas páginas impressas; e o papel dos editores como profissional que dá unidade e identidade à publicação (embora não abracem mais todas as funções dentro de uma redação).

Temas que revelam o quanto as práticas, embora surjam novas tecnologias, mantêm a essência, o caráter humano da comunicação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Francisco das Neves. Alegórica república – a nova forma de governo sob o prisma da caricatura: um estudo de caso. *In: Revista Comunicação & política*. n.s. v.IX. n.3. Rio de Janeiro, 2002. p.227-244. Disponível em: <[www.cebela.org.br/.../2002-3%20227-244%20francisco%20das%20neves.pdf](http://www.cebela.org.br/.../2002-3%20227-244%20francisco%20das%20neves.pdf)>. Acesso em 15 out 2009

\_\_\_\_\_, Francisco das Neves. Republicanismo, adesismo, oposicionismo (ou sebastianismo?) À época da formação da República: um breve estudo de caso na cidade do Rio Grande. *In: Biblos*. v.22. Rio Grande: Ed. da FURG, 2008. p. 183-197.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Imprensa brasileira: dois séculos de história**. Disponível em <<http://www.anj.org.br/aindustriajornalistica/historiano-mundo/historiadojornal.pdf>> Acesso em 03 jul 2010a.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Jornais: breve história**. Disponível em: <[http://www.anj.org.br/a-industriajornalistica/historianobrasil/arquivoempdf/Imprensa\\_Brasileira\\_dois\\_seculos\\_de\\_historia.pdf](http://www.anj.org.br/a-industriajornalistica/historianobrasil/arquivoempdf/Imprensa_Brasileira_dois_seculos_de_historia.pdf)> Acesso em: 03 jul 2010b.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. v.4. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em <<http://www.dicio.com.br/>>. Acesso em 15 mai 2012.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Guia histórico de Porto Alegre**. 4.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2006.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura: a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

HOHLFELDT, Antonio. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Dezembro de 2006 - 3/12. Disponível em <[www.compos.com.br/e-compos](http://www.compos.com.br/e-compos)>. Acesso em 25 out 2010.

MATURANA, H.R. & VARELA, F.J. **A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Tradução Jonas Pereira dos Santos, São Paulo: Editorial Psy II, 1995.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (understand media). 14.ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MUSEU DA COMUNICAÇÃO HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. **Inventário resumido das obras do acervo**. Disponível em <[http://www.museudacomunicacao.rs.gov.br/site/wp-content/uploads/inventario\\_formatado.pdf](http://www.museudacomunicacao.rs.gov.br/site/wp-content/uploads/inventario_formatado.pdf)>. Acesso em 15 mai 2012.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **Elementos de semiótica da comunicação: quando aprender é fazer**. Bauru, SP: Edusc, 2004.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **A comunicação como encontro**. Bauru, SP: Edusc, 2006.

SANDRI, Tammie Caruse Faria. **Manifestações caricaturais em jornais: estratégias do discurso visual na imprensa rio-grandina do século XIX**. 2011. 147p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2011.

SANTOS, Délio Freire dos. Introdução. In: AGOSTINI, A., CAMPOS, A., REIS, A. **Cabrião: semanário humorístico. 1866-1867/introdução de 2.ed. rev. e ampl.** São Paulo: Unesp - Imprensa Oficial do Estado, 2000. Edição fac-similar. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=eeuNY7QT67wC&pg=PP21&lpg=PP21&dq=folheto+litografado+no+Jornal+do+Com%C3%A9rcio&source=bl&ots=Jf99Z36Qd-&sig=uXnNjlCKLxJt6PeK2UL9ZxnQ97U&hl=pt-BR&ei=A3\\_bSuujMo7k8QbIvd23BQ&sa=X&oi=book\\_result&ct=result&resnum=3&ved=0CAwQ6AEwAg#v=onepage&q=folheto%20litografado%20no%20Jornal%20do%20Com%C3%A9rcio&f=false](http://books.google.com.br/books?id=eeuNY7QT67wC&pg=PP21&lpg=PP21&dq=folheto+litografado+no+Jornal+do+Com%C3%A9rcio&source=bl&ots=Jf99Z36Qd-&sig=uXnNjlCKLxJt6PeK2UL9ZxnQ97U&hl=pt-BR&ei=A3_bSuujMo7k8QbIvd23BQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CAwQ6AEwAg#v=onepage&q=folheto%20litografado%20no%20Jornal%20do%20Com%C3%A9rcio&f=false)>. Acesso em 22 out 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

THOMPSON, John. **Ideologia e Cultura Moderna - teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.